



INSURGÊNCIA FEMININA: UMA TRAJETÓRIA DE LUTAS E CONQUISTAS NA OBRA QUARTO DE DESPEJO

WOMEN'S INSURGENCY: A TRAJECTORY OF STRUGGLES AND CONQUESTS IN THE BOOK "QUARTO DE DESPEJO"

Erika Cristina Silva Alves¹
Elenice Israel da Silva²

RESUMO: O contexto sócio-histórico brasileiro remete ao patriarcado estrutural em que gênero, classe e raça foram os determinantes para se ter reconhecimento social significativo. Desde a colonização do país as mulheres foram silenciadas de suas narrativas e atuações, sobrando quase sempre um tímido papel como coadjuvantes da história. Essas representações tornam-se ainda mais apagadas quando nos referimos ao papel da mulher negra. Apesar dos tímidos avanços, a situação da mulher, sobretudo da mulher negra, está longe de ser justa, pois de modo geral, possuem salários baixos e desproporcionais ao salário dos homens, baixa representatividade nos diversos campos das esferas sociais, além de ser o principal alvo da necropolítica instaurada no país, segundo dados do IBGE (2018), Mbembe (2016) e Almeida (2020), Souza (2021), Gonzales (1984), Ribeiro (2019) e Akotirene (2020). No entanto, diante desse cenário hostil, algumas mulheres conseguiram contornar a dura realidade histórica e destacaram-se através de suas narrativas e trajetórias. Exemplo disso é a escritora Carolina Maria de Jesus, ao descrever no livro Quarto de despejo, publicado em 1960, a realidade vivida na comunidade do Canindé em São Paulo. Assim, o objetivo deste trabalho é investigar, a partir da obra, os elementos que compuseram o perfil dessa mulher negra. Para compreender o sujeito da pesquisa, traremos para discussão outras mulheres como Davis (2016), González (1984), Ribeiro (2018, 2019), Hooks (2013, 2014). Como abordagem metodológica adotamos a hermenêutica para realizar a análise, uma vez que a filosofia e a literatura se relacionam no espaço crítico e interpretativo da obra.

Palavras-chave: Mulheres brasileiras; Racismo estrutural; Literatura; Autoria feminina.

ABSTRACT: The Brazilian socio-historical context refers to the structural patriarchy in which gender, class and race were the determinants for significant social recognition. Since the colonization of the country, women have been silenced from their narratives and performances, almost always leaving a timid role as supporting characters in history. These representations become even more erased when we refer to the role of black women. Despite the timid advances, the situation of women, especially black women, is far from fair, as in general, they have low salaries that are disproportionate to men's wages, low representation in the various fields of the social spheres, in addition to being the main target of necropolitics established in the country, according to data from IBGE (2018), Mbembe (2016) and Almeida (2020), Souza (2021), Gonzales (1984), Ribeiro (2019) and Akotirene (2020). However,

¹ Doutoranda em Educação - Universidade de Uberaba - UNIUBE, Mestra em Educação pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro-UFTM (2019). Possui graduação em Pedagogia - CESUBE.

² Doutoranda em Educação - Universidade de Uberaba – UNIUBE, mestre em Letras pelo programa de pós graduação PROFLETRAS (UFTM), graduada em Pedagogia - CESUBE e em Letras Portugues/Espanhol – UFTM.



ALVES, E. C. S. SILVA, E. I.

in the face of this hostile scenario, some women managed to circumvent the harsh historical reality and stood out through their narratives and trajectories. An example of this is the writer Carolina Maria de Jesus, when describing in the book *Quarto de despejo*, published in 1960, the reality lived in the community of Canindé in São Paulo. Thus, the objective of this work is to investigate, from the work, the elements that made up the profile of this black woman. To understand the subject of the research, we will bring to the discussion other women such as Davis (2016), González (1984), Ribeiro (2018, 2019), Hooks (2013, 2014). As a methodological approach, we adopted hermeneutics to perform the analysis, since philosophy and literature are related in the critical and interpretative space of the work.

Keywords: Brazilian women; Structural racism; Literature; Authored by women.

INTRODUÇÃO

“[...] Mas eu sou forte! Não deixo nada impressionar-me profundamente. Não me abato.” Carolina M Jesus

A obra *Quarto de Despejo* de Carolina Maria de Jesus traduz a força e sagacidade da mulher negra diante de todas as vicissitudes enfrentadas ao longo da história desde a constituição do Brasil. A mulher negra sobreviveu à diáspora africana, e apesar das inúmeras circunstâncias e as cicatrizes deixadas pelo processo de escravização e as reminiscências desse período, que perpetuam até hoje na sociedade brasileira. E demarcam a imensa dívida histórica social que o país possui em relação à mulher negra - bem como aos homens negros e os povos originários.

Desse modo, o presente trabalho teve como objetivo evidenciar a insurgência feminina negra em Carolina Maria de Jesus, através da obra *Quarto de Despejo*.

Iniciamos a roda de conversa apresentando o contexto social brasileiro que a mulher negra está inserida e as disparidades enfrentadas por ela, desde o período histórico de colonização e escravização. Para subsidiar a discussão trouxemos dados do IBGE (2018) demonstrando as desigualdades enfrentadas quando nos referimos às mulheres negras, em relação aos outros integrantes das classes sociais, como homens negros, homens e mulheres brancas. Apontamos ainda as consequências deixadas pelo racismo estrutural na sociedade brasileira, onde a mulher negra foi a mais atingida por esse processo, dialogando com Almeida (2020), Ribeiro (2019), Souza (2021), Gonzales (1984) e Akotirene (2020).



ALVES, E. C. S. SILVA, E. I.

Em um segundo momento expomos os caminhos percorridos pela autora desde a infância até o período de ascensão social através de sua escrita e elencamos diversos trechos de sua autobiografia, apontando a forma autêntica como descreveu suas experiências sensíveis. Neste item discorreremos sobre a forma como a Carolina Maria de Jesus foi recebida com os seus textos pela sociedade brasileira. Para isso, selecionamos o trecho de uma reportagem de Ayla (1960) do jornal da época demonstrando o discurso usado pela mídia ao se referir à escritora. Problematizando ainda a temática do racismo estrutural e como ele baliza as relações em sociedade, embasamos as discussões com o respaldo teórico dos autores Souza (2021) Campos (1961), Almeida (2020).

E por último, mas não menos importante, colocamos em pauta a literatura feminina e o papel assumido por Carolina Maria de Jesus naquela época. Fundamentamos a narrativa com os autores Babo (2014), Leyeune (2014), Hooks (2018), Evaristo (2016) apresentando os aspectos singulares da literatura feminina, sobretudo da escrita negra, alinhando com fragmentos da obra de Carolina Maria de Jesus evidenciando suas habilidades e leituras de mundo com um apurado teor crítico.

Participaram do diálogo com Jesus (2004), autoras negras como Davis (2016), Gonzalez (1984), Ribeiro (2019), Hooks (2013), Souza (2021), Akotirene (2020), Evaristo (2016) que possuem uma longa jornada em debates e produções de conteúdos que analisam as sociedades e o papel assumido pela mulher negra. Outros autores como Almeida (2020), Campos (1961), Nascimento (2020), Pinto; Ferreira (2014) também ancoram nossas discussões.

1- Ser mulher e negra no Brasil

“Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico”. Carolina M Jesus

A formação sócio-histórica do país com o passado de escravização da população negra e dos povos indígenas, traz em suas narrativas a forma como essas mulheres foram tratadas ao longo dos anos. O processo de colonização que o país passou deixou características como o patriarcado e o racismo. Nesse sentido, a mulher negra por ter um



ALVES, E. C. S. SILVA, E. I.

espaço restrito, devido ao racismo estrutural, teve um apagamento nas representações e acontecimentos históricos.

Durante o processo de escravização a mulher negra foi submetida a tratamentos perversos de toda espécie, violências como a servidão, o estupro, a reificação, a perda dos filhos, entre outros, elencam as crueldades sofridas no país desde a diáspora africana. Vivendo numa sociedade projetada para anular o seu corpo/corporeidade (MERLEAU-PONTY, 2011) e distorcer tudo aquilo que ele representa de fato, a mulher negra vem enfrentado lutas constantes para validar o que lhe é de direito, ser tratada como um ser humano, com todos os direitos garantidos por lei. Os dados do recenseamento do IBGE (2018) apontam as disparidades sociais quando nos referimos às mulheres negras, como escolaridade, poder econômico, acesso à saúde, baixa ocupação nos espaços de poder socialmente reconhecidos, bem como a alta taxa de mortalidade. Em outras palavras, a mulher negra ocupa a base da pirâmide social no país, daí a importância de ampliarmos o debate sobre estas questões, pois vidas têm sido ceifadas devido a esse projeto nefasto do racismo estrutural. (ALMEIDA, 2020; RIBEIRO, 2019; AKOTIRENE, 2020).

A violência traduzida pelo apagamento de sua voz e do seu corpo resultou em uma dolorosa construção de sua subjetividade, pois ser percebida, interpretada e tratada por aquilo que realmente não era, ecoou profundamente no desenvolvimento de sua identidade enquanto mulher. A diferença, que deveria ser positiva por demonstrar a sua singularidade, é transmutada em valores que a inferiorizam e hierarquizam nas relações da sociedade. (RIBEIRO, 2019, AKOTIRENE, 2020).

O racismo no Brasil atinge a mulher negra por três marcadores históricos, a raça, a classe e o gênero. Essa interseccionalidade intencionalmente articulada, gerou desde a escravização o abismo social que a mulher preta está inserida. E por isso os tímidos avanços de ascensão nos últimos séculos. Isso porque reinou no país o mito da democracia racial uma forma de maquiagem o racismo profundo existente, uma espécie de entorpecimento psíquico, como nos aponta a feminista Lélia Gonzales em seu texto “Racismo e sexismo na cultura brasileira”:



ALVES, E. C. S. SILVA, E. I.

Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um. Conheço um que é médico; educadíssimo, culto, elegante e com umas feições tão finas... Nem parece preto. (GONZALES, 1984, p.226).

Conforme a autora nos aponta, o racismo é complexo de ser erradicado, porque ele constrói um discurso que o neutraliza, embora deixe feridas visivelmente perceptíveis em quem sofre. Gonzales (1984) destaca como o racismo deturpa a consciência e a memória dos sujeitos através da ideologia de modo a ignorarem a realidade, os fatos, uma espécie de alienação.

Todas essas questões apontadas até aqui, tem como intuito estabelecer um contexto social e identitário para compreender a figura de Carolina Maria de Jesus e sua obra Quarto de despejo. Elementos como a fome, “Deixei o leito as 4 horas. Eu não dormi porque deitei com fome. E quem deita com fome não dorme.” (JESUS, 2004, p. 95), a pobreza, “Saí pensando na minha vida infausta. Já faz duas semanas que eu não lavo roupa, por falta de sabão.” (JESUS, 2004, p.89), o desemprego, “... Não tinha papeis na rua. E eu queria comprar um par de sapatos para a Vera. (...) Segui catando papel.” (JESUS, 2004, p. 59), a falta de infraestrutura em moradia estão presentes em toda a obra, denunciando a realidade vivida por ela na favela.

A subjetividade das mulheres negras, são constituídas a partir de uma série de vivências, situações, sentimentos, violências que criam uma teia, onde a sua identidade é forjada, conforme nos aponta a psicanalista e psiquiatra Souza, (2021, p.46)

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades.

As realidades que essa mulher negra vivenciou ao longo de sua existência mostram o cenário onde muitas mulheres negras em nosso país ainda estão inseridas e infelizmente,



ALVES, E. C. S. SILVA, E. I.

ainda continuam sujeitas. Ainda assim, a passos lentos e com muita luta e engajamento, a mulher negra vem ocupando espaços nas mais diversas esferas sociais.

2- Os caminhos percorridos por Carolina Maria de Jesus

“... Estive revendo os aborrecimentos que tive esses dias (...) Suporto as contingências da vida resoluto. Eu não consegui armazenar para viver, resolvi armazenar paciência.” Carolina M Jesus

Carolina Maria de Jesus é mineira nascida na cidade de Sacramento – MG em quatorze de março de 1914. Nasceu neta de escravos e filha de uma lavadeira analfabeta com oito filhos. Assim, ainda na infância experimentou muito da dura realidade que escreve nos livros. Os sobejos da escravidão no Brasil, associados ao preconceito deixaram marcas profundas na história da mineira, situação que se agrava por sua condição de mulher negra tolhida de seus direitos essenciais. Sua vida acadêmica se resume a dois anos no Colégio Allan Kardec na cidade de Sacramento.

Com o objetivo de romper o ciclo de pobreza, a família de Carolina busca por oportunidades de trabalho como lavradores em fazendas mineiras e paulistas, bem como na cidade de Franca onde trabalhou como auxiliar de cozinha e doméstica. Com a morte da mãe se muda para São Paulo e inicialmente trabalha como empregada doméstica, mas sua rebeldia e insurgência natural faziam com que não se adaptasse ao trabalho doméstico que muito se parecia com a servidão experimentada por seus ancestrais. Grávida de um português que a abandonou, foi morar na rua e catava papéis e ferro velho para sobreviver, pois a sociedade patriarcal da época não daria emprego a uma mãe solteira.

Aos 34 anos, se muda para a favela do Canindé em São Paulo. É nesse cenário que, apesar das dificuldades diárias, encontra inspiração para escrever. A favela também foi o espaço onde travou suas lutas passando por tensões e insurgências, sofrimento e esperança. Um lugar onde, para muitos, os sonhos não existem e o objetivo diário é sobreviver, buscando o alimento físico. E Carolina, a mulher negra insurgente, inconformada



ALVES, E. C. S. SILVA, E. I.

com a sobriedade às margens do rio Tietê, encontra ali uma forma de alimentar-se de seu sonho de ser escritora e armar-se de esperança para uma transformação social. Em busca da realização desse sonho catava papel durante o dia e lia muito do que encontrava, durante a noite escrevia sobre seu dia e sua luta diária em busca de alimento, mas não somente o alimento para o corpo, Carolina buscava também alimento para o espírito.

Os cadernos encontrados no lixo viraram diários em que escreveu sobre seus principais personagens: a fome e a humilhação moral e social dos moradores da favela. Embora a fome e a favela tenham sido temas centrais de sua obra, ela também abordou temas essenciais como a política, o racismo, o machismo e a exclusão social sem abandonar a esperança de publicar seus textos e romper o ciclo de miséria que muitas vezes parecia sem fim. O papel é um elemento emblemático na vida de Carolina, pois é dele que ela tira o sustento para si e para seus três filhos e é no papel que produz sua escrita e deposita toda a sua esperança de sair daquela situação de abandono social.

A primeira publicação de seus textos foi em 1941 quando levou ao jornal Folha da Manhã um poema em louvor a Getúlio Vargas. Em 1958, durante uma reportagem sobre a inauguração de um *playground* na favela do Canindé, o jornalista Aldálio Dantas conhece Carolina, toma conhecimento dos diários e divulga um artigo no jornal Folha da Noite. No ano seguinte publica trechos dos diários de Carolina e se empenha na publicação, que reuniu os relatos que conhecemos como Quarto de Despejo: diário de uma favelada, lançado em 1960 pela Livraria Francisco Alves Editora.

O lançamento do livro foi um fenômeno e logo se tornou um *bestseller*. O sucesso de vendas o levou a ser comparado, em termos comerciais, com o romance “Lolita”, de Nabokov. Naturalmente, o sucesso da obra transformou a vida de Carolina e de seus filhos. A oportunidade de sair da favela representa abandonar a fome e seguir em frente rumo à emancipação autoral. Com o dinheiro recebido pela venda dos livros, finalmente compra a sonhada “casa de alvenaria”, e o sucesso da obra resulta em uma movimentada agenda de compromissos como: reportagens, entrevistas, homenagens e convites para eventos. Os filhos da então “ex-favelada” também são temas de reportagens como mostra o Jornal do



ALVES, E. C. S. SILVA, E. I.

Brasil edição 487 de 1961. Na reportagem são divulgadas fotos da filha com 8 anos Vera Eunice após sua crisma. A reportagem mostra a menina recebendo homenagem de nove funcionários do Hotel Serrador, no Rio de Janeiro, em uma luxuosa suíte. Em uma das fotos a menina aparece sorrindo enquanto parte um bolo. No livro, a mãe que sofre por não poder atender ao pedido da filha em seu aniversário escreve:

...Eu fritei peixe e fiz polenta para os filhos comer com peixe. Quando a Vera chegou viu a polenta dentro da marmitta e perguntou:

—E o bolo? Hoje eu faço anos!

—Não é bolo. É polenta.

—Polenta, eu não gosto.

Ela trouxe leite. Eu dei-lhe leite com polenta. Ela comeu chorando.

Quem sou eu para fazer bolo? (JESUS, 2014, p. 207)

Paradoxalmente, a mãe que sonhava oferecer um bolo à filha enquanto viviam na favela, não estava presente na comemoração enquanto a caçula parte o bolo no hotel. Esse fragmento ilustra a realidade da mãe provedora, que embora tivesse superado a pobreza, ainda não conseguiu superar as consequências da agenda de compromissos de trabalho que lhe tolhia seu desejo de estar com os filhos. Como consta na reportagem, “a única tristeza da menina era sua “mamãezinha” não ter assistido à crisma, atarefada em São Paulo com o lançamento de seu segundo livro” (CAMPOS, 1961, p.76).

Já morando na “casa de alvenaria” no bairro de Santana, Carolina mantém o hábito de escrever os diários relatando o que se passa nesse cenário de classe média. Esses textos foram publicados em 1961 no seu segundo livro “Casa de Alvenaria: Diário de uma Ex-favelada”. Em 1963 publica o romance “Pedacões da Fome” e em 1965 “Provérbios”, mas os três livros foram pouco repercutidos e a autora vê o lampejo da fama se apagando.

Polêmicas e críticas envolveram o lançamento do livro Quarto de despejo. Críticos da época questionaram a autoria de Carolina evidenciando o preconceito ao considerar uma



ALVES, E. C. S. SILVA, E. I.

mulher negra, pobre e favelada autora de uma obra de tamanho sucesso. Comparada aos cânones, “Quarto de Despejo” foi criticado especialmente por sua estrutura e linguagem, muitas vezes renegado a condição de literatura, como escreve Ayala na edição 231 do Jornal do Brasil em 1960.

É preciso deixar bem claro, de início, que não estamos diante de uma obra literária. Literatura é ordem, composição, sentido plástico de imagem, pauta, filtro, depuração e vivência. O que há no diário de Carolina Maria de Jesus é uma vivência conscientemente expressa e uma composição estranhíssima que inclui um tom purista em certas frases, uma síntese primitiva em outras, uma demonstração de quase analfabetismo em alguns momentos e mesmo um torneio barroco de vez em quando aflorando com palavras preciosas e até arcaísmos. (AYLA, 1960, p.42)

O discurso impiedoso da publicação evidencia a opinião de parte da crítica da época, que ao comparar Quarto de Despejo com os cânones, não reconheciam a obra como literária, mas sim um diário interessante aos olhos da burguesia que se deleitava ao conhecer as minuciosidades da vida na favela, ambiente desconhecido que povoava o imaginário de muitos. Nesse sentido o interesse pela obra seria a curiosidade para com a vida do outro, o diferente, e tem sua importância minimizada, senão excluída, nessa sociedade organizada e construída sobre ideias e argumentos preconceituosos. Ayala ainda acrescenta:

Carolina é um pequeno animal da palavra, animal deslumbrado com seu sofrimento, que de repente entende que escrever é responsabilizar que cada ideia implicada num texto, assinada e multiplicada, é uma verdade que não se extingue com facilidade, ainda mais quando apoiada num verdadeiro debate de vida. (AYLA, 1960, p.42).

Ao ser referida “animal da palavra” o autor desqualifica a obra e a autora rebaixando-as ao nível do exotismo, renunciando a profundidade da obra e criatividade da escritora. O discurso de Ayala evidencia o comportamento típico do racismo estrutural pela branquitude ao ver a ascensão de uma mulher negra, como aponta Jurandir Costa no prefácio da obra de Souza,

Nesse sentido, o estudo sobre as vicissitudes do negro brasileiro em ascensão social levou-nos, incoercivelmente, a refletir sobre a violência. [...] Ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção:



ALVES, E. C. S. SILVA, E. I.

a de encarnar o corpo e os ideais do ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro. (SOUZA, 2021, p. 25)

Enquanto a crítica brasileira era ferina, a obra de Carolina era aclamada em diversos países, explicitando cada vez mais o desconforto que as palavras de Carolina causavam projetando-a para um sucesso inquestionável. A glória da escritora negra e favelada era perturbadora, especialmente em um espaço literário reconhecido por brancos e em especial por homens. Prova disso é o tratamento crítico literário que foi atribuído a sua obra, indo rapidamente da fama ao esquecimento.

Em 1969, esquecida pelo mercado editorial, pela imprensa, com problemas financeiros, Carolina se muda com os filhos para um sítio no bairro de Parelheiros, em São Paulo, e vive silenciada até 13 de fevereiro de 1977, data de sua morte. Após seu falecimento a autora, ex-favelada, permanece esquecida por muitos anos. Esse apagamento gerado pelo racismo estrutural (ALMEIDA, 2020), que silencia os negros em todos os sentidos, também invisibilizou as obras da autora por um longo período até que aos poucos foi retomado o interesse por seus escritos e, tem-se hoje um arcabouço de pesquisas e livros publicados a despeito de sua obra.

Os resquícios da escravização ainda estão presentes na sociedade e isso é inegável. Após esse período, os negros, e em especial a mulher negra, buscaram formas de resistência e transformação social. As marcas profundas dessas batalhas podem ser percebidas na cultura brasileira que traz na música, na dança, nas religiões com matrizes africanas, na capoeira, na moda e até na culinária, a identidade negra.

Nesse contexto, a produção literária de Carolina representa não só os aspectos histórico-cultural a partir do relato das particularidades de suas experiências em um retrato nu e cru da vida na favela, mas representa acima de tudo, a resistência de uma mulher negra, pobre e de pouca instrução, que rompeu paradigmas machistas, racistas, em uma sociedade patriarcal e se atreveu a mudar sua realidade social e construir sua autoria. Sua obra literária não se espelhou nos cânones, pois tem uma identidade própria, que por sua



ALVES, E. C. S. SILVA, E. I.

grandeza e significação, assinalou uma marca em muitas gerações, uma marca que permite conhecer aquela realidade e se autoriza a transformar-se por meio dela.

3- Literatura feminina

“[...] Enquanto as roupas corava eu sentei na calçada para escrever.” Carolina M Jesus

A escrita de Carolina em Quarto de Despejo emerge de um lugar improvável, um lugar em que se concentra todo tipo de negação dos direitos humanos, um lugar onde há pouco ou nenhum espaço para as artes, um lugar onde apenas se sobrevive. Ainda assim, Carolina se destacou como um grito de revolta capaz de denunciar as circunstâncias miseráveis em que ela e os demais moradores da favela viviam, bem como documentou o preconceito imposto às mulheres pretas e pobres em uma sociedade patriarcal, machista e racista. Em um ambiente hostil de fome, miséria e ausente de qualquer política pública, a autora usa sua escrita como o único caminho possível para livrar-se dos grilhões impostos pelas desigualdades sociais, bem como para buscar sua própria identidade e reconhecimento autoral.

Para Pinto e Ferreira (2014), quando pensamos em identidade racial classificamos as pessoas pela cor da pele, porém a identidade se constrói através da trajetória e de experiências vivenciadas. Por isso é necessário que entendamos a “identidade como metamorfose, ou seja, como um processo que está em constante transformação, sendo o resultado provisório da intersecção entre a história da pessoa, seu contexto histórico e social e seus projetos” (CIAMPA 1987 apud PINTO; FERREIRA, 2014, p. 261).

Dessa forma, a sociedade e as experiências vividas por Carolina são fundamentais para que ela se aproprie de uma identidade que transita entre o orgulho em ser mulher negra e a subordinação que essa condição lhe impõe.



ALVES, E. C. S. SILVA, E. I.

...Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me:

—É pena você ser preta.

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. E indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta. (JESUS, 2014, p. 72)

O preconceito racial fica evidente na fala dos diretores de circo e retrata a representação das mulheres negras perante a sociedade naquele tempo e espaço. Sua condição de mulher preta está vinculada a papéis que eram representados durante a escravidão, sendo a mãe preta que cozinava e cuidava dos brancos. Portanto, não poderia ser creditado a ela a autoria das peças. Em protesto a esse argumento estapafúrdio Carolina reafirma sua negritude e ressignifica positivamente os atributos que a caracterizam.

As características físicas da mulher preta foram por muito tempo reduzidas a uma condição de inferioridade. Isso pode ser percebido também no mundo das artes como podemos ver na letra da música:

O teu cabelo não nega mulata
Porque és mulata na cor
Mas como a cor não pega mulata
Mulata eu quero o seu amor! (BABO, 1931).

No fragmento da música o eu-lírico afirma que o cabelo não deixa dúvidas acerca da etnia, bem como estabelece uma relação entre o cabelo e a cor da pele da mulata. Em outra possível interpretação do primeiro fragmento da música podemos entender que a negação do cabelo parte da própria mulata. Essa negação pode se dar com o alisamento, por



ALVES, E. C. S. SILVA, E. I.

exemplo. Nessa leitura podemos perceber também uma rejeição do eu-lírico ao cabelo e a pele afro.

Já nos versos seguintes deixa claro que quer o amor da mulata porque o contato físico não pega a cor, não se contamina com a cor durante o contato físico, fazendo alusão ao corpo da mulata. Nesses versos, que foram entoados de forma irresponsável por muitos anos, percebe-se que o mecanismo de construção da identidade da mulata está baseado nas características físicas que a objetifica, sexualiza e erotiza. Carolina não escapa dessa reificação como podemos ver nesse fragmento:

—Se a senhora quiser ficar comigo, eu peço esmolas e
te sustento. E de dinheiro que as mulheres gostam. E
dinheiro eu arranjo para você. Eu não tenho ninguém que
gosta de mim...

Eu sou aleijado. Eu gosto muito da senhora. A senhora
tá dentro da minha cabeça. Tá dentro do meu coração.

Quando ele ia me dar um abraço, afastei. (JESUS, 2014, p. 197-198)

Carolina se nega às relações de submissão, em especial a essa coisificação da mulher retratada nesse fragmento. No decorrer do texto Carolina também cita o português Manuel no que parece ser uma relação afetiva sem compromisso. Em alguns momentos ele é representado como um namorado que ajuda ela e os filhos, mas embora ele tenha a intenção de casar-se, ela não quer.

O senhor Manuel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lapis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal. Ele deu-me 50 cruzeiros e eu paguei a costureira. Um vestido que fez para a Vera. (JESUS, 2014, p. 44)



ALVES, E. C. S. SILVA, E. I.

O ideal de ser escritora se sobressai ao desejo em estar em um relacionamento afetivo. Compartilhar as despesas da casa e aliviar a pressão diária pela busca do alimento também implica ter um homem em casa para servir e isso lhe tiraria a independência para se dedicar a sua escrita diária. Trocar a figura masculina por lápis e papel é para Carolina a única forma de viver para seu ideal e tornar-se uma escritora reconhecida.

Dentre as figuras masculinas que arrolam no diário de Carolina é o cigano Raimundo que estabelece uma relação de troca mais profunda. Raimundo é bonito e mais culto que os demais pretendentes, uma vez que gosta de ler e conversar sobre música e arte.

Fui na casa de um cigano que reside aqui. Condoeu-me vê-los dormindo no solo. Disse-lhe para vir no meu barraco. Quando a noite surgiu, ele veio. Disse que quer estabelecer, porque quer por os filhos na escola. Que ele é viúvo e gosta muito de mim. Se eu quero viver ou casar com ele. Abraçou-me e beijou-me. Contemplei a sua boca adornada de ouro e platina. Trocamos presentes. Disse-me que se eu casar com ele que retira-me da favela. Disse-lhe que não me adapto a andar nas caravanas. Disse-me que é poetica a existência andarilha. Ele disse-me que o amor de cigano é imenso igual ao mar. É quente igual ao sol. Respondi-lhe que eu tenho uma vida confusa igual um quebra-cabeça. Ele gosta de ler. Dei-lhe livros para ele ler. (JESUS, 2014, p. 168)

Entre os dois personagens há uma atração, mas Carolina percebe um olhar pernicioso do pretendente para com as meninas mais novas, bem como percebe que suas promessas de amor não eram somente para ela e sente ciúmes da vizinha Rosalina.

Disse-me que vai embora para a sua casa. E que se um dia a favela acabar, para eu procurá-lo. Fez o mesmo convite a Rosalina. Eu não apreciei. Não foi egoísmo. Foi ciúme. Ele saiu e eu fiquei pensando. Ele não estaciona. É o seu sangue cigano. Pensei: se algum dia este homem for meu, hei de prendê-lo ao meu lado. Quero apresentar-lhe o mundo de outra forma. (JESUS, 2014, p. 173)

Nas relações com o masculino o cigano se aproxima do poético e das artes, mas não quer se fixar e Carolina não deseja ser andarilha. Embora ela não tenha garantia em deixar aquela situação de miséria, seu objetivo não é sair pelo mundo, mas se fixar na “sala de estar”. No fragmento abaixo Carolina revela sua maior ambição:

27 de julho...



ALVES, E. C. S. SILVA, E. I.

Seu Gino veio dizer-me para eu ir no quarto dele. Que eu estou lhe despresando. Disse-lhe: Não!

É que eu estou escrevendo um livro para vende-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela. Não tenho tempo para ir na casa de ninguém. (JESUS, 2014, p. 30).

A escrita do diário não é apenas uma forma de ocupar-se e distrair-se do sofrimento daquela vida de privações. Carolina claramente tem o objetivo de publicar seu livro e sair daquela situação de miséria. Dessa forma, mostrar ao jornalista Aldálio Dantas seus cadernos não foi um golpe de sorte, foi uma oportunidade aproveitada de realizar seu sonho, como muitas outras já tentadas sem sucesso.

O diário é uma narrativa que tem como principal característica a escrita cotidiana, íntima e datada. Escrito em primeira pessoa tem finalidade reflexiva. Lejeune (2014, p. 303) afirma que:

O papel é um amigo. Tomando-o como confidente, livramo-nos de emoções sem constranger os outros. Decepções, raiva, melancolia, dúvidas, mas também esperanças e alegrias: o papel permite expressá-las pela primeira vez, com toda a liberdade. O diário é um espaço onde o eu escapa momentaneamente à pressão social, se refugia protegido em uma bolha onde pode se abrir sem risco, antes de voltar, mais leve, para o mundo real.[...]

A escrita feminina oferece peculiaridades do universo feminino que lhe dão um caráter único e nesse caso específico, da mulher negra, desenvolvendo uma função catártica, dando possibilidades para quem escreve, realizar uma auto elaboração daquilo que se está colocando no papel, conforme Lorde (2019, p.47) enuncia, “Para as mulheres, então, a poesia não é um luxo. É uma necessidade vital da nossa existência. [...] Os horizontes mais longínquos das nossas esperanças e dos nossos medos são pavimentados pelos nossos poemas, esculpidos nas rochas que são nossas experiências diárias.” A fala da autora nos remete ao perfil da escrita do diário de Carolina e que para ela era uma forma de liberdade, de expressar seus sentimentos por meio de textos em que era autora e personagem, de expor suas ideias se contrapondo ao que a sociedade machista e patriarcal lhe impunha, de mostrar aos políticos a vida de



ALVES, E. C. S. SILVA, E. I.

privações que viviam na favela, de transgredir as regras sociais traçadas por uma sociedade hegemonicamente preconceituosa.

Inconformada com sua realidade social, a autora tece seu discurso com o intuito de revelar o cotidiano da favela: “Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos” (JESUS, 2014, p. 20).

No fragmento acima, Carolina não se sente parte daquele ambiente e discute com vizinhos expondo como “arma” a força da palavra, o poder de uma escrita, que embora oprimida, é capaz de denunciar todas as mazelas que sofre.

Às oito e meia eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visitas com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (JESUS, 2014, p. 40).

O lugar enunciativo que Carolina ocupa no texto marca sua autorrepresentação a partir de uma noção de subalternidade. Destaca o cheiro da favela resultante da falta de saneamento e a partir de sua leitura sobre aquele ambiente que cria e nos apresenta imagens de sua própria miséria. Contrapondo as expectativas do momento sonha e deseja estar em um lugar diferente longe da rotina do “quarto de despejo”.

– Se eu pudesse mudar desta favela! Tenho a impressão que estou no inferno. [...] Sentei ao sol para escrever. A filha da Silvia, uma menina de seis anos, passava e dizia: – Está escrevendo, negra fidida! A mãe ouvia e não repreendia. São as mães que instigam. (JESUS, 2014, p. 29).

Para Carolina a escrita serve para evidenciar sua singularidade, bem como sua autonomia intelectual e moral com relação aos demais moradores. “Mesmo elas aborrecendo-me, eu escrevo. Sei dominar meus impulsos. Tenho apenas dois anos de grupo
ISSN: 2359-1064.



ALVES, E. C. S. SILVA, E. I.

escolar, mas procurei formar o meu caráter.” (JESUS, 1960, p.13). O hábito de escrever incomoda os residentes da favela que veem Carolina com alguém diferente, o que gera conflitos com algumas mulheres da favela.

19 de julho de 1955

Quando as mulheres feras invade o meu barraco, os meus filhos lhes joga pedras. Elas diz:

- Que crianças mal educadas.

Eu digo:

- Meus filhos estão defendendo-me. Vocês são incultas, não pode compreender. Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. (JESUS, 2014, p.20).

Para Carolina a escrita era uma forma de denúncia, bem como uma habilidade que a distinguia das demais mulheres “incultas”. Dessa forma, não romantiza ou vitimiza sua vivência com os demais moradores, ela expõe as relações humanas expondo suas virtudes e seus defeitos, mas com consciência de sua singularidade. Não se encaixar nos padrões estabelecidos pela sociedade e pelos próprios moradores da Canindé e buscar uma forma de sair daquele estado de pobreza extrema representava uma insurgência.

18 de julho...

As mulheres saíram, deixou-me em paz por hoje. Elas já deram o espetáculo. A minha porta atualmente é teatro. Todas as crianças jogam pedras, mas os meus filhos são os bodes expiatórios. Elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas. São sustentadas por associações de caridade. Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los. E elas, tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pede socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra as tabuas do barracão eu e meus filhos dormimos socegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas. (JESUS, 2014, p. 16).

Consciente da opressão vivida por mulheres casadas que são obrigadas a mendigar e ainda apanham do marido, Carolina reforça que não as inveja e sente-se privilegiada por conseguir manter os filhos em uma condição de maior liberdade. A animosidade que



ALVES, E. C. S. SILVA, E. I.

algumas mulheres da favela sentem por Carolina pode ser explicada por esse lugar de sujeição a que estavam inseridas, enquanto Carolina gozava de maior independência uma vez que não tinha que servir a um homem no ambiente doméstico.

Com o objetivo de prover diariamente sem ajuda dos pais dos filhos, Carolina precisava sair para trabalhar todos os dias mesmo quando não estava se sentindo bem. Na obra há relatos em que a autora está doente e precisa sair para trabalhar mesmo quando o corpo pedia para ficar deitada. Esse estado era agravado pela privação de alimentos e saneamento básico e refletia diretamente na saúde da catadora de papel e na dos filhos.

Cheguei em casa, fui no senhor Manoel vender os ferros. O depósito já estava fechado. Cheguei em casa e deitei. Estava com frio e mal estar. O povo da favela já sabe que eu estou doente. Mas não aparece ninguém para prestar-me um favor. Não deixo o João sair. Ele passa o dia lendo. Ele conversa comigo e eu vou revelando as coisas inconvenientes que existe no mundo. Já que o meu filho já sabe como é o mundo, a linguagem infantil entre nós acabou-se. (JESUS, 2014 p. 102).

Após um dia de trabalho sentindo-se mal, a autora sente-se resignada por não ter recebido as condolências dos vizinhos, pois não há uma relação de reciprocidade ou empatia entre eles.

Cheguei em casa, fiz o almoço para os dois meninos. Arroz, feijão e carne. E vou sair para catar papel. Deixei as crianças. Recomendei-lhes para brincar no quintal e não sair na rua, porque os pessimos vizinhos que eu tenho não dão socego aos meus filhos. Saí indisposta, com vontade de deitar. Mas, o pobre não repousa. Não tem o privilegio de gosar descanso. Eu estava nervosa interiormente, ia maldizendo a sorte (...) (JESUS, 2014, p. 12)

A indisposição não tem espaço na rotina exaustiva, pois embora trabalhe continuamente, a sobrevivência da autora personagem e dos filhos depende das sobras encontradas no lixo. A escritora Bell Hooks, em seu livro “O Feminismo é para todo mundo” argumenta que:

A pobreza se tornou uma questão feminina central. Tentativas patriarcais capitalistas de supremacia branca para desmanchar o sistema de assistência social em nossa sociedade privarão mulheres pobres e indigentes do acesso às necessidades mais



ALVES, E. C. S. SILVA, E. I.

básicas da vida: abrigo e comida. Na verdade, retornar ao lar fundamentado na dominação masculina patriarcal em que homens são provedores é a solução oferecida a mulheres por políticos conservadores, que ignoram a realidade do desemprego em massa – tanto de mulheres quanto de homens –, o fato de que simplesmente não há emprego e que vários homens não querem sustentar economicamente mulheres e crianças, mesmo que tenham salário. (HOOKS, 2013, p.66).

Como em um ato de resistência, a autora não aceita essa forma de dominação masculina patriarcal, em consequência era ela mesma a provedora da família. Apesar de toda a dificuldade e do trabalho árduo que realizava recolhendo material reciclável, Carolina se orgulha de conseguir manter seus filhos sem que seja necessário servir a um homem ou pedir esmolas.

Nascimento (2020) em sua dissertação “Carolina Maria de Jesus e a escrita de si como lugar de memória e resistência” destaca que Carolina apresenta um projeto, que embora apresente um aspecto coletivo, tem o objetivo de melhorar sua vida material, bem como seu reconhecimento como escritora e “O discurso da narradora alterna-se entre denúncia e confronto político, desabafo cansado de trabalhadora e arrimo da família, descrença nas instituições (democracia, casamento, pátria) e certa idealização da vida na sala de visitas.” (NASCIMENTO, 2020. p. 98).

A obra Quarto de Despejo, é o retrato da escrita feminina negra tão bem cunhada posteriormente pela grandiosa Conceição Evaristo, denominada escrevivência. Nesse tipo de literatura, as narrativas circundam as vivências ambíguas, por serem particulares e ao mesmo tempo coletivas, pois retratam experiências existenciais comuns às mulheres negras. (EVARISTO, 2016).

A resistência ocupa um lugar central na obra, pois embora a fome e a miséria estejam presentes nos relatos, o desejo de sair do “quarto de despejo” prevalece. A única forma de realizar o sonho de viver na “casa de alvenaria” é vender seu livro e esse desejo a impulsiona. A história narrada e o próprio ato da escrita representam a resistência de uma



ALVES, E. C. S. SILVA, E. I.

mulher que se atreveu a mudar sua própria história ao negar-se a sujeitar-se às injustiças de uma sociedade patriarcal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões trazidas à baila evidenciam o contexto vivido pela mulher brasileira. As discrepâncias sociais sofridas em todas as instâncias, são o resultado do processo de colonização no país cujo racismo estrutural teceu as relações na sociedade

A escrita autobiográfica de Carolina traz em sua estrutura mais do que literatura negra, traz também a representação da base da pirâmide social em que a mulher preta representa. Seu grito de insurgência desafiou a estrutura de uma sociedade machista e preconceituosa que ainda hoje é afetada por meio da única “arma” que dispunha, a palavra.

As vivências sofridas por Carolina Maria de Jesus refletem a de tantas outras mulheres pretas brasileiras. A escrita feminina, especialmente a negra, tem sido um instrumento de catarse para depurar as vicissitudes oriundas do sistema opressor.

A insurgência da autora é retratada em diversos trechos da obra, sinalizando a inconformidade e a negação em desistir. Do mesmo modo a resistência está presente quando ela trata da fome, do trabalho, das doenças, das relações de hostilidade com os demais moradores da favela, dos relacionamentos com o sexo masculino, mas principalmente no projeto de tornar-se escritora. Mesmo com todos os motivos para entregar-se ao ciclo da pobreza, ela se atreveu a sair do “quarto de despejo”, contrariando o racismo estrutural, e tornou-se uma escritora de sucesso internacional. É bem verdade que Carolina e seus filhos eram visitados pela fome diariamente, porém, o que nutria a autora, era a esperança. Doses diárias, temperadas com pitadas de palavras e adoçadas com as poesias

ISSN: 2359-1064.



ALVES, E. C. S. SILVA, E. I.

que escrevia, deram o sustento necessário para completar o livro de sua vida, registrando para sempre em nossa memória a marca de sua resistência.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Editora Jandaia, 2020.
- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Editora Jandaia, 2020.
- AYALA, W. **O diário de uma favelada**. *Jornal do Brasil*, n. 231, 1o out. 1960, p. 7. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_08/10518 Acesso em: 22 set. 2022.
- BABO, L; VALENÇA, J.; VALENÇA, R. O teu cabelo não nega. Intérprete: Lamartine Babo. Rio de Janeiro: RCA Victor, 1931. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/lamartine-babo/366356/>. Acesso em: 13 jan. 2023.
- CAMPOS, P. M. A autora mais cara do ano. *Manchete*, n. 487, 5 de agosto de 1961, p. 76-77. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=004120&pagfis=4060622> Acesso em: 22 set. 2022.
- DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe** [recurso eletrônico] / Angela Davis; tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2016.
- EVARISTO, C. **Olhos água**. 1 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.
- GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Ciências Sociais Hoje**, Brasília, ANPOCS n. 2, p. 223-244, 1984. [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%3%A9lia%20-%20Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira%20%281%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%3%A9lia%20-%20Racismo%20e%20Sexismo%20na%20Cultura%20Brasileira%20%281%29.pdf)
- HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil. Estudos e Pesquisas**. Informação Demográfica e Socioeconômica, n. 41. 2018.
- JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 8ª. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**: de Rosseau a internet. GERHEIM, Jovita Maria Gerheim Noronha (Org). Belo Horizonte: UFMG, 2014.
- LORDE, A. **Irmã Outsider**. trad. Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. 4ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- ISSN: 2359-1064. Revista Iniciação & Formação Docente (online) 2024; 11(1): p.24



ALVES, E. C. S. SILVA, E. I.

NASCIMENTO, D. A. **Carolina Maria de Jesus e a escrita de si como lugar de memória e resistência.** Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), p. 108. 2020. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/193413/nascimento_da_me_arafcl.pdf?sequence=5&isAllowed=y acesso 23 jan. 2023

PINTO, M. C. C.; FERREIRA, R. F. **Relações Raciais No Brasil E A Construção Da Identidade Da Pessoa Negra. Pesquisas e Práticas Psicossociais** – PPP, São João Del Rei, v. 9, n. 2, p. 257-266, nov. 2014.

RIBEIRO, D. **Lugar de fala.** São Paulo: Pólen, 2019.

Como citar este artigo (ABNT)

ALVES, E. C. S. SILVA, E. I. **Insurgência Feminina: Uma trajetória de lutas e conquistas na obra quarto de despejo.** Revista Iniciação & Formação Docente, Uberaba, MG, v. 10, n. 1, p. XXX-XXX, 2023. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Como citar este artigo (APA)

ALVES, E. C. S. SILVA, E. I. (2024) **Insurgência Feminina: Uma trajetória de lutas e conquistas na obra quarto de despejo.** Revista Iniciação & Formação Docente, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.